



ADJETIVOS ESTÉTICOS E O PROBLEMA DO GOSTO – UMA POSSIBILIDADE ESTÉTICA EM WITTGENSTEIN

Gelson Luiz Daldegan de Pádua*

Resumo: O trabalho discute o Problema do Gosto e o Problema dos Adjetivos Estéticos apresentados por Wittgenstein nas preleções sobre Estética constante em *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações*, além de discutir a relação entre ética e estética estabelecida pelo autor e que permeia grande parte de sua obra.

Palavras-chave: Wittgenstein; Estética; Adjetivos Estéticos; Gosto.

Abstract: The paper discusses the problem of Taste and the Problem of Aesthetic Adjectives presented by Wittgenstein in *Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief*, and discusses the relationship between ethics and aesthetics established by the author and that permeates much of his work.

Keywords: Wittgenstein, Aesthetics, Aesthetic Adjectives, Taste.

1 - Considerações Iniciais

A estética, decididamente, não foi objeto de estudo de Wittgenstein, porém, de uma forma ou outra, ela sempre esteve presente, seja na sua vida pessoal ou nos inúmeros exemplos presentes em seus escritos, principalmente os temas relacionados à música e à poesia.

As biografias do autor estão recheadas de exemplos dessa sua relação com as artes.¹ Renomados artistas do final do século XIX e início do século XX frequentavam a casa de

*Doutorando em Filosofia PUCRS. Professor de Filosofia Faculdade São Geraldo. gelson18@hotmail.com

¹ Cf. MONK, Ray, *Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius*, New York: The Free Press, 1990 e MCGUINNESS, Brian, *Wittgenstein: A Life*. Young Ludwig, London: Duckworth, 1988.



sua família. Alguns de seus familiares tiveram retratos pintados por pintores da época, como é o caso de sua irmã retrata por Gustav Klimt²; sua casa foi também o local de muitos saraus. Esse ambiente propício contribuiu para sua apreciação das artes.

Seus interesses pelas artes incluíam a música, a arquitetura, a escultura e a literatura. Inclusive, Wittgenstein se arriscou nessas áreas. Ele foi o responsável pelo projeto arquitetônico da casa de sua irmã Margarete, construída em Viena. Tal projeto, um tanto quanto modernista, refletia o ideal antidecorativo de Adolf Loos, arquiteto austríaco muito admirado por Wittgenstein nesta época. Sua aventura pela escultura levou-o a esculpir o busto de Michael Drobil, estimulado pelo próprio trabalho do escultor. Na música e na literatura ele tendia a um gosto mais conservador. Costumava tocar Schubert e sua autobiografia escrita em anos cruciais de sua vida, principalmente àqueles compreendidos entre 1930 a 1932 e 1936 a 1937, refletem esse conservadorismo.

Sua principal contribuição para as artes está nas doações financeiras, feitas de forma anônima, relatados em sua autobiografia, a poetas e artistas austríacos, como Rainer Maria Rilke, Oskar Kokoschka, Georg Trakl e Adolph Loos, já que seus trabalhos artísticos não refletiam nenhuma genuína criatividade.

Porém, toda a sua obra filosófica apresenta uma forma de escrita muito especial. "Sua prosa não é discursiva, consistindo em pequenas, e amiúde lacônicas, observações. [Seus] símiles e analogias, [...], bem como sua elusiva sagacidade, fazem lembrar Lichtenberg."³

² KLIMT, Gustav, *Bildnis Margaret Stomborough - Wittgenstein* 1905; Oil on canvas, 180 x 90 cm; Bavarian State Collection of Paintings, Neue Pinakothek, Munich. Disponível em WebMuseum: www.ibiblio.org/wm/paint/auth/klint.

³ GLOCK, Hans-Johann, *Dicionário Wittgenstein*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 139.



As discussões específicas sobre estética são encontradas apenas em *Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief*⁴, que por sinal não foi escrito pelo próprio Wittgenstein, uma vez que tal livro se constitui em compilações das anotações de três alunos que participaram dessas palestras e conversações.⁵ Não obstante a esta particularidade, esse pequeno livro é, sem dúvidas, um ponto de partida para a investigação sobre o pensamento do filósofo com relação à estética.

Wittgenstein proferiu quatro preleções sobre estética que se complementam entre si e são tratados assuntos como: o problema do gosto; a causalidade e casualidade da arte; características expressivas da obra de arte e, como não poderia deixar de faltar, ele discute, também, sentido e significado, temas abordados em *Investigações Filosóficas*, porém, nestas preleções esses assuntos estão relacionados às obras de arte.

Para este trabalho optou-se em limitar o estudo em três aspectos. O primeiro deles é a relação que Wittgenstein faz entre ética e estética que está presente em quase toda sua obra. Os outros dois aspectos fazem parte da discussão da primeira preleção sobre estética constante em *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações* – o problema dos adjetivos estéticos e o problema do gosto.

⁴ WITTGENSTEIN, L. *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações*, Trad. PAES, J. P., São Paulo: Cultrix, 1970.

⁵ As anotações de Yorick Smythies, Rush Rhees e James Taylor foram compiladas e organizadas por Cyril Barrett. O livro é precedido de um prefácio do organizador, onde ele esclarece, logo de início, que nada do que está no livro "foi escrito pelo próprio Wittgenstein". Barret esclarece também, que seria de duvidar que o filósofo aprovasse tal publicação, pelo menos não na forma como foi publicado. O cotejo das anotações dos diferentes alunos garantem, de certa forma, a autenticidade da expressão do pensamento de Wittgenstein. No que tange às preleções sobre estética, elas aconteceram no verão de 1938, dirigidas apenas a um pequeno grupo de alunos, em torno de seis, visto que eles se encontravam em aposentos privados em Cambridge.



2- A relação Ética e Estética

Como dito anteriormente, a estética não foi objeto de discussão na filosofia wittgensteiniana apesar de toda a sua obra estar recheada de exemplos estéticos. Em seu primeiro livro, o *Tractatus logico-philosophicus*, Wittgenstein estabeleceu uma proximidade entre ética e estética. Para o filósofo, ética e estética constituem aplicações críticas de um sistema filosófico; é a sua versão do idealismo transcendental schopenhaueriano⁶.

Quando se toma o cenário em que o referido livro foi escrito, percebe-se que a ética era uma questão que preocupava Wittgenstein consideravelmente e é “notável a influência que recebeu após a leitura de *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer, o qual considera o mundo da vontade ética como a única realidade verdadeira”⁷. Outro autor que influenciou Wittgenstein foi Otto Weininger em seu livro *Sexo e caráter*. Para aquele autor, “a única vida que vale a pena viver é a espiritual”. O homem tem obrigação de encontrar a verdade, a vida humana só tem sentido quando investida na busca da verdade; se não for para realizar essa obrigação, de que vale a pena viver? Ser gênio “é a mais elevada moral e, portanto, é o dever de todos”⁸.

Com relação à estética Wittgenstein afirmou, nesse mesmo livro, que “ética e estética são uma só”⁹. Nessa afirmativa é possível distinguir três pontos distintos.¹⁰ O primeiro deles é que da mesma forma que a ética e a lógica, a estética não está relacionada a fatos

⁶ Cf. GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein, Op. Cit.* p. 139.

⁷ CASTRO, Mauro Cesar, *Do que não pode ser dito: ética e misticismo no Tractatus de Wittgenstein*. Monografia de especialização em Temas Filosóficos, sob orientação de Paulo Roberto Margutti Pinto. Belo Horizonte, UFMG, 2002. p. 5.

⁸ Cf. MONK, Ray. *Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius. Op. Cit.* p. 37-38.

⁹ WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. SANTOS, L. H. L., 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 1994. 6.421.

¹⁰ Cf GLOCK, Hans- Johann, *Dicionário Wittgenstein, Op. Cit.* p, 139.



contingentes, mas sim àquilo que não poderia ser de outra forma, e que portanto, não pode ser formulado pela linguagem, podendo apenas ser demonstrado. O segundo ponto é que o problema essencial tanto da ética como da estética refere-se à busca pelo sentido da vida e os valores éticos e estéticos não são determinados pelos fatos do mundo, mas pela vontade. Como a vontade constitui o limite do mundo, e não os fatos, ela não pode ser dita. Sendo assim, a ética e a estética são transcendentais. É notável aqui a influência da filosofia shopenhaueriana. E o último ponto, "assim como a lógica, a ética e a estética baseiam-se em uma experiência MÍSTICA: admirar-se não de *como* o mundo é, mas antes *que* ele seja. [Quando se tem essa experiência vê-se], o mundo de fora, como um 'todo limitado'."¹¹

Como o sujeito não pode mudar o mundo, ele pode dominar sua vontade e, assim, mudar a sua visão sobre o mundo, desse modo, o resultado da ação ética é a felicidade. A ética e a estética implicam em "ver o mundo com um olhar feliz", pois o "mundo do feliz é um mundo diferente do mundo do infeliz"¹². "A felicidade consiste em descobrir o sentido da vida pela contemplação do 'eterno presente', enquanto que a infelicidade consiste em estar limitado dentro do mundo fenomênico"¹³. Quando se aprecia uma obra de arte, o objeto observado é visto a partir do "eterno presente", pois "na contemplação estética, escapamos à dominação da vontade (aos nossos desejos), uma vez que nossa consciência se preenche com uma única imagem"¹⁴.

O *Tractatus* delinea os limites do dizível, mas deixa uma abertura para se inquirir sobre o indizível e é justamente aí que insurgem a questão da ética e da estética. Para Wittgenstein,

¹¹ GLOCK, Hans- Johann, *Dicionário Wittgenstein*, Op. Cit. p, 139. Grifos do autor.

¹² WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Op. Cit. 6.43.

¹³ CASTRO, Mauro Cesar. *Do que não pode ser dito: ética e misticismo no Tractatus de Wittgenstein*. Monografia de especialização em Temas Filosóficos sob orientação de Paulo Roberto Margutti Pinto. Belo Horizonte, UFMG, 2002. p. 9.

¹⁴ GLOCK, Hans- Johann. *Dicionário Wittgenstein*, Op. Cit. p, 139.



os valores que constituem, tanto a ética como a estética transcendem o mundo e, por isso, não podem ser descritos pela linguagem. Como a filosofia não encerra o sentido último da vida, a ética e a estética não devem ser deixadas de lado mesmo não podendo ser descritas pela linguagem, pois segundo Wittgenstein, “mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados”¹⁵.

“Ao escrever o *Tractatus*, Wittgenstein pôde confrontar suas investigações sobre a lógica com suas vivências éticas” com isso ele demonstra “que a filosofia não é capaz de resolver o problema do sentido da vida”¹⁶. Wittgenstein reconhece que há algo de indizível que permanece oculto, depois de ter descrito o que pode ser dito com clareza. “A linguagem pode dizer *como* o mundo é, mas não *que* ele é, ou seja, sua essência. A essência do mundo e o sentido da vida se encontram no nível transcendental, inacessível à ciência”¹⁷.

As experiências ética e estética por excelência, são capazes de elevar o sujeito ao nível transcendental, “é a percepção do mundo *sub specie aeterni*, isto é, a sensação de estar fora do tempo e do espaço e de contemplar a essência do mundo”¹⁸. Aqui, nestas experiências, tudo é indizível. Não cabe no discurso.

3- O problema da linguagem em estética ou os adjetivos estéticos

Este foi um dos temas da primeira palestra sobre estética. Wittgenstein inicia a palestra afirmando que o assunto Estética além de ser muito vasto é também muito mal

¹⁵ WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Op. Cit. 6.521.

¹⁶ CASTRO, Mauro Cesar, *Do que não pode ser dito: ética e misticismo no Tractatus de Wittgenstein*. Monografia de especialização em Temas Filosóficos sob orientação de Paulo Roberto Margutti Pinto. Belo Horizonte, UFMG, 2002. p. 12.

¹⁷ *Idem*, p. 12.

¹⁸ *Idem*, p. 12.



compreendido¹⁹. Para o filósofo "o uso de uma palavra como 'belo', quando se atenta para a forma linguística da sentença em que ocorre, está mais sujeito a equívocos que o da maioria das outras palavras"²⁰.

Wittgenstein faz uma longa discussão em torno do adjetivo "belo", ou seja, ele retoma os problemas linguísticos. Em seu argumento de como as crianças aprendem a usar palavras como "belo" e "lindo", ele sustenta que o emprego dessas palavras são aprendidas quase sempre como interjeições. "Ensina-se a palavra como um substituto para uma expressão facial ou um gesto. O gesto, o tom de voz, etc., no caso, constituem expressão de aprovação". Mas, o "que é que faz da palavra uma interjeição apropriativa? e não de desaprovação ou de surpresa, por exemplo?". A esses questionamentos, Wittgenstein responde que é "o jogo verbal em que [as palavras] aparece[m], não a forma das palavras." O que de fato interessa nessas situações não é a forma das palavras, mas o uso que se faz dessa forma²¹.

O filósofo quer, com isso, ressaltar a essência da linguagem e a maneira como ela funciona é, sustenta Wittgenstein, "algo que já está abertamente manifesto e que se torna visível em seu conjunto mediante organização"²², e o que se encontra aberto à vista é o fato de a linguagem não ser uma coisa uniforme e sim uma série de diferentes atividades. Usa-se a linguagem para descrever, dar e seguir ordens, relatar, informar, afirmar, fazer suposições, negar, especular, fazer perguntas, dar respostas, contar histórias, cantar, adivinhar charadas, solucionar problemas, traduzir, pedir, agradecer, cumprimentar, amaldiçoar, rezar, avisar,

¹⁹ WITTGENSTEIN, L. *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações*. Op. Cit. § 1.

²⁰ *Idem, Ibidem*. Grifo do autor

²¹ *Idem, Ibidem*. § 5.

²² WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*; trad. MONTAGNOLI, M. G. Petrópolis: Vozes, 2004. § 92.



recordar, expressar emoções, e muitas coisas além disso²³. Wittgenstein diz que todas essas atividades podem ser chamadas de jogos de linguagem, portanto, jogos de linguagem referem-se a todas e quaisquer atividades que os seres humanos se envolvem, ou seja, "a expressão 'jogo de linguagem' deve salientar, aqui, que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida"²⁴.

Os jogos de linguagens envolvidos na apreciação estética são, normalmente, os do "belo", do "lindo", do "bom", etc. e essas palavras "são inteiramente inacaracterísticas, via de regra apenas sujeito e predicado ("Isto é belo")". Ou seja, "nas ocasiões em que são pronunciadas essas palavras; na ocasião enormemente complicada em que há uma ocorrência da expressão estética, em que a própria expressão ocupa lugar quase insignificante"²⁵.

Com a intenção de exemplificar esse lugar insignificante daquelas palavras nas ocasiões da ocorrência de expressão estética Wittgenstein recorre ao exemplo da tribo desconhecida, o qual foi utilizado em outras obras.

Se vocês estivessem em meio a uma tribo estrangeira, cuja língua desconhecêssem totalmente, e desejassem saber quais as palavras correspondentes a "bom", "lindo", etc., que é que procurariam? Atentariam para sorrisos, gestos, comida, brinquedos. [...] Devemos certamente interpretar os gestos da tribo por analogia com os nossos²⁶.

Wittgenstein quis com esse exemplo demonstrar que o ponto de partida não está em certas palavras, mas em certas ocasiões ou atividades²⁷, visto que um grande número de palavras,

²³ Cf. *Idem, Ibidem*, § 23 e outros exemplos §§ 27, 180, 288 e 654.

²⁴ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. *Op. Cit.* § 23.

²⁵ WITTGENSTEIN, L. *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações*. *Op. Cit.* § 5.

²⁶ *Idem, Ibidem*, § 6.

²⁷ Cf. *Idem, Ibidem*, § 6.



que se utiliza, na linguagem, como adjetivos, na maioria das vezes são desnecessárias. Como na maioria das vezes elas são usadas, primeiramente como interjeições, elas facilmente poderiam ser substituídas por um gesto ou expressão.²⁸ A simples substituição de um "Isto é lindo" por um simples "Ah!", mudaria o juízo estético?

O filósofo afirma que "quando se fazem juízos estéticos na vida real, adjetivos estéticos como "belo", "lindo", etc., dificilmente desempenham qualquer função"²⁹. Os adjetivos estéticos não são usados, por exemplo, na crítica musical. "Diz-se: 'Atentem para esta transição', ou 'Esta passagem é incoerente'." Uma crítica poética, poderia ser expressa por: "Seu uso da imagem é preciso". Portanto "as palavras então usadas se aparentam mais a 'certo' e 'correto' (tal como são estas palavras empregadas na linguagem corrente) do que a 'belo' ou 'adorável'.³⁰ Poderia até se dizer que uma peça musical é adorável, utilizando o adjetivo estético; "isso, porém, não significa louvá-la e sim atribuir-lhe um caráter"³¹. Wittgenstein afirma que somente as pessoas que não sabem exprimir-se adequadamente é que utilizam esses adjetivos estéticos e que quando fazem uso deles, na verdade estão usando de forma interjetiva e não estética³².

Em se tratando da reação às obras de arte é um erro concentrar a atenção somente nos adjetivos estéticos, pois "em grande parte, a apreciação estética reside não em simplesmente gostar ou desgostar de uma obra de arte, mas antes em entendê-la ou em caracterizá-la"³³.

²⁸ Cf. *Idem, Ibidem*, § 7.

²⁹ WITTGENSTEIN, L. *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações*. Op. Cit. § 8.

³⁰ *Idem, Ibidem*, § 8.

³¹ *Idem, Ibidem*, § 9.

³² Cf. *Idem, Ibidem*, § 8.

³³ GLOCK, Hans- Johann. *Dicionário Wittgenstein*, Op. Cit. p, 140.



4- O problema do gosto

Segundo Wittgenstein, quando se fala em juízos estéticos, entre tantas outras coisas, fala-se em Artes³⁴. "Quando fazemos um juízo estético acerca de [uma obra artística], não nos limitamos a ficar boquiabertos e a exclamar: 'Oh! Que maravilhoso!' Distinguimos uma pessoa que sabe do que está falando de uma que não o sabe"³⁵. Uma pessoa musical, por exemplo, não é aquela que apenas se deleita ao ouvir uma música, mas aquela que ao ouvir, percebe as transições de movimentos, "de reconhecer onde entra o baixo, etc." Analogamente, uma pessoa que não entenda de métrica, mas se encante ao ouvir um poema, não fará juízos estéticos, se limitará a utilizar os adjetivos estéticos³⁶.

Para Wittgenstein o "gosto" está ligado aos juízos estéticos. Para o pronunciamento de juízos estéticos utiliza-se expressões de juízos estéticos. As palavras utilizadas nessas expressões, "desempenham uma função complicada, mas assaz definida, naquilo que [denomina-se] de cultura de um período." Como cultura de um período, Wittgenstein se refere à influência que a cultura de determinadas épocas exercem sobre os jogos de linguagem utilizados nas expressões de juízos estéticos. "Joga-se um jogo inteiramente diferente nas diferentes épocas."³⁷.

Portanto, os juízos estéticos ou o "gosto" de uma época tem identificação direta com a própria cultura do período. Wittgensteinianamente falando, as expressões verbais utilizadas em um determinado período refletem a possibilidade de identificá-las com o gosto

³⁴ WITTGENSTEIN, L. *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações*. Op. Cit. § 17.

³⁵ WITTGENSTEIN, L. *Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações*. Op. Cit. § 17.

³⁶ *Idem, Ibidem*.

³⁷ *Idem, Ibidem*, § 25.



dominante daquela época. As expressões de juízo estético proferidas em determinadas épocas refletem a cultura do período.

Nos jogos de linguagem está implícita uma cultura inteira³⁸. Se referir a alguém, como tendo um "gosto refinado" em pintura, nos dias atuais "trata-se de algo completamente diverso daquilo que, no século XV, era considerado um gosto refinado"³⁹. Atualmente uma pessoa procede em seu jogo de linguagem do gosto, de forma totalmente diversa da que uma pessoa daquele século procederia no jogo. O jogo de linguagem ainda é o do gosto, mas joga-se com outras regras, por esse motivo eles são diferentes⁴⁰.

Deve-se considerar totalmente distintas as condições de gosto atual, das de épocas passadas e muito mais ainda das de épocas remotas. Não é possível falar de gosto de forma semelhante a atual, durante a época barroca, por exemplo. Qual o significado de gosto hoje para as obras barrocas? É o mesmo da época em que foram realizadas? Certamente não. Visto que a arte barroca estava estreitamente vinculada com a religião, com o mito e com o elemento sagrado. A arte tinha outra função, ela estava a serviço da religião, em função religiosa e, acima de tudo a serviço do culto. As obras de arte estavam mais destinadas ao culto religioso, do que para a apreciação estética, embora o primeiro fato não excluísse o segundo. Como se poderia falar de "bom gosto" de uma *Vênus de Fidias* ou de uma *Madonna de Cimabue*, para pessoas, as quais a Virgem ou a Vênus, não só significavam, mas desfrutavam, algo muito mais importante do que uma simples questão de gosto?⁴¹

³⁸ *Idem, Ibidem*, § 26.

³⁹ *Idem, Ibidem*, § 29.

⁴⁰ Cf. *Idem, Ibidem*, § 29.

⁴¹ Cf. DORFLES, Gillo. *Estética del Mito*. Caracas: Editorial Tiempo Nuevo, 1967, p. 103.



Portanto, a questão do gosto deve estar desvinculada das questões míticas ou rituais. É preciso que a arte tenha se convertido em algo "mundano" para que o juízo estético se estabeleça. Em outras palavras, nos períodos em que a arte esteve atrelada à ilustrações de fatos históricos ou religiosos, os gostos não são, de fato, juízos estéticos para as pessoas que viveram naqueles momentos. Pois, os argumentos, de tais juízos, sempre estiveram influenciados por um patriotismo ou por um ritual religioso e não refletiam o que se pode chamar de gosto nos dias atuais⁴².

O fato das expressões de juízos estéticos estarem atreladas à questão do gosto isso implica a uma não indiferença frente as obras de arte. E, de fato, só se pode atribuir um juízo àquilo que não é indiferente ao observador, daí as expressões de juízos estéticos estarem, de certa forma, ligadas ao termo "crítica de arte", visto que o gosto ou desgosto por algo é o grande motivador para as construções das expressões de juízo estético. Em uma visão wittgensteiniana: nos jogos de linguagem do gosto é que se estabelecem as expressões de juízo estético.

3- Considerações Finais

Os três aspectos abordados aqui para uma possível teoria estética em Wittgenstein, são apenas um ponto de partida, Hans-Johann Glock afirma que a grande contribuição de Wittgenstein para a estética contemporânea "foi a aplicação de que fez a esse campo de sua idéia de semelhança de família" e com certeza existem poucas divergências com relação a este fato. Porém, o que se pretende desenvolver em um outro estudo é a trajetória percorrida com relação à estética, pelo filósofo, que antecede a semelhança de família.

⁴² Idem Ibidem, p. 103.



4- Referências Bibliográficas

DE LUDWIG WITTGENSTEIN

Culture and Value. Trad. WHINCH, P., Chicago: Basil Blackwell, 1980.

Estética, Psicologia e Religião: Palestras e Conversações. Trad. PAES, J. P., São Paulo: Cultrix, 1970.

Investigações Filosóficas. Trad. MONTAGNOLI, M. G., 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

Tractatus logico-philosophicus. Trad. SANTOS, L. H. L., 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

Últimos escritos sobre Filosofia de la Psicología. Trad. SADABA, J. 2ª. ed. Madrid: Tecnos, 1994.

Últimos escritos sobre Filosofia de la Psicología, Volumen II: Lo Interno y lo Externo. Trad. VILLANUEVA, L. M. V. Madrid: Tecnos, 1996.

DE APOIO

CASTRO, Mauro Cesar, Do que não pode ser dito: ética e misticismo no Tractatus de Wittgenstein. Monografia de especialização em Temas Filosóficos sob orientação de Paulo Roberto Margutti Pinto. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

DORFLES, Gillo. *Estética del Mito*. Caracas: Editorial Tiempo Nuevo, 1967.

MCGUINNESS, Brian. *Wittgenstein: A Life*. Young Ludwig, London: Duckworth, 1988.

MONK, Ray. *Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius*, New York: The Free Press, 1990.